

jornal. Se não um *faz-tudo*, pelo menos um *faz-muito*. Filho de Jonas Acióli Pinheiro Campos e Maria Dolores Eduardo Pinheiro. Nasceu em Guaiúba, do Município de Pacatuba, em 11 de janeiro de 1923. Fez os preparatórios em Fortaleza no Instituto São Luís, no Ginásio de Fortaleza e no Colégio Estadual do Ceará (Liceu do Ceará). Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1948. Jornalista, romancista, contista, teatrólogo e folclorista. Superintendente dos Diários e Rádios Associados do Ceará, o que é bem o índice de seu dinamismo, de sua capacidade intelectual. É escritor fecundo, dotado de vigoroso talento, “força de criação e poder de investigação e de análise”. “O sentido moderno da Literatura — opinou Joaquim Alves — domina o estilo de Eduardo Campos, que se coloca contra toda regra estilística dos clássicos ou dos que obedecem às tradições lingüísticas, influência que reflete, muito de perto, a personalidade de Mário de Andrade, o maior animador do movimento modernista.” Para o teatro, escreveu: *O Demônio e a Rosa*, 1948; *O Anjo*, 1950; *O Morro do Ouro*, 1964; *A Rosa do Lagamar*, 1964, e *Os Deserdados*, 1967. Publicou os romances *O Chão dos Mortos*, 1965, e *A Véspera do Dilúvio*. Para o folclore: *Medicina Popular*, 1951, 1955 e 1967; *Folclore do Nordeste*, 1959, e *Estudos de Folclore Cearense*, 1959. Contos: *Águas Mortas*, 1943; *Face Iluminada*, 1946; *Os Grandes Espan tos*, 1964; *As Danações*, 1967; *O Abutre e Outras Estórias*, 1968 e *O Tropel das Coisas*, 1971. Presidiu a esta Academia durante cinco biênios e pôde dar ao Sodalício vida ativa e, sobretudo, dotando-o de sede própria. É, de fato, um realizador, qualidade que o fez industrial equilibrado e adiantado agricultor na produção de frutas e cereais na vasta área do sítio da Pacatuba.

23

PATRONO

JUVENAL GALENO da Costa e Silva. O criador da poesia de motivos e feição populares no Brasil. “O pioneiro do Fol-

clore no Nordeste”. O Béranger brasileiro, como lhe têm chamado. Cantor singelo do sertão, dos vaqueiros, dos lavradores, da jangada, do mar, das serras, das árvores, dos pássaros do Ceará, reproduzindo-lhes nos versos simples as características, os costumes, as credences, os folguedos, os sentimentos e a bravura. Na sua lira dedilha-se a canção da sua gente e da sua terra. Em que pese às restrições que lhe fizeram, é poeta de verdade, pois poetas, no conceito de Afonso Arinos, são os que sabem exprimir o ideal que a imaginação do povo acarícia. Nasceu o famoso bardo em Fortaleza, no dia 27 de setembro de 1836, sendo filho de José Antônio da Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva. Indo ao Rio de Janeiro, lá intimamente privou da amizade dos intelectuais que freqüentavam a casa de Paula Brito e, estimulado pelo ambiente, escreveu poesias que publicava na *Marmota Fluminense* e, depois, enfeixou no volume *Prelúdios Poéticos*, 1856. De volta ao Ceará, conservou-se na fazenda dos pais, na Serra da Aratanha, até 1886, quando se mudou para Fortaleza. Foi, então, nomeado diretor da Biblioteca Pública, funções que exerceu até 1906, delas afastando-se por haver perdido a visão. Conta-se que, mostrando seus *Prelúdios* a Gonçalves Dias, no tempo em que este demorou no Ceará (1859) como membro da Comissão Científica, ouviu-lhe o conselho de dedicar-se, preferentemente, à poesia folclórica, sugestão que influiu, grandemente, no seu espírito. Faleceu em 7 de março de 1931. Foi sócio fundador do Instituto do Ceará. Publicou: *A Machadada, Poema Fantástico* (versos satíricos), 1860; *Porangaba* (poemeto), 1886; *Lendas e Canções Populares*, 1865, 2ª ed. aumentada, 1892; *Cenas Populares*, 1871, 2ª ed. 1902; *Canções da Escola*, 1871; *Lira Cearense*, 1872; *Folhetins de Silvanus* (versos), 1891; *Medicina Caseira*. Há novas edições dessas obras, formando a “Coleção Juvenal Galeno”, tiradas na Editora Henriqueta Galeno.

1º OCUPANTE

HENRIQUETA GALENO. Nasceu em Fortaleza. Filha de Juvenal Galeno da Costa e Silva e Maria do Carmo Cabral e